

Faces da violência contra a mulher: a heterogeneidade discursiva como ferramenta metodológica

Faces of violence against women: discursive heterogeneity as a methodological
tool

Rostros de la violencia contra la mujer: la heterogeneidad discursiva como
herramienta metodológica

Anna Biatrys Moura¹
Célia Maria de Medeiros²

Resumo: Nosso trabalho se situa no âmago das práticas do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, realizado em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Temos como objetivo analisar quatro manchetes de notícias produzidas pelos alunos a partir do processo de retextualização do conto “Gesso”, de Jarid Arraes, e da canção “Maria da vila Matilde”, de Elza Soares. Para tanto, discutimos os conceitos de discurso (Fairclough, 2001; Maingueneau, 2015; Mussalim, 2003), de sujeito (Authier-Revuz, 1990; Mussalim, 2003), de formações ideológicas e discursivas (Althusser, 1996; Foucault, 1997; Maingueneau, 2015) e, ainda, como abordagem teórico-metodológica norteadora do trabalho, as heterogeneidades mostrada e constitutiva (Authier-Revuz, 1990). Como resultados, verificamos diferentes formações discursivas: as que convergem com os discursos de proteção da mulher e as que vão contra esses discursos, ironizando-os e os negando.

Palavras-chave: Heterogeneidade Discursiva. Dialogismo. Ensino Fundamental (Anos Finais). Violência Contra A Mulher.

Abstract: Our work lies at the heart of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation's (PIBID) practices, carried out in a 9th year elementary school class. We aim to analyze four news headlines produced by students based on the process of retextualizing the short story “Gesso” by Jarid Arraes, and the song “Maria da Vila Matilde” by Elza Soares. To this end, we discuss concepts of discourse (Fairclough, 2001; Maingueneau, 2015; Mussalim, 2003), of subject (Authier-Revuz, 1990; Mussalim, 2003), of ideological and discursive formations (Althusser, 1996; Foucault, 1997; Maingueneau, 2015) and, still, as our theoretical-methodological approach, of constitutive heterogeneity and marked heterogeneity (Authier-Revuz, 1990). As results, we verified different discursive formations: those that converge with the discourses of protecting women and those that go against these discourses, ironizing and denying them.

Keywords: Discursive Heterogeneity. Dialogism. Elementary Education (Final Years). Violence Against Women.

Resumen: Nuestro trabajo se sitúa en el corazón de las prácticas del Programa de Becas de Iniciación a la Docencia - PIBID, realizado en una clase de 9º año de la Enseñanza Fundamental. Nuestro objetivo es analizar cuatro titulares de noticias producidos por los alumnos a partir del proceso de retextualización del cuento 'Gesso', de Jarid Arraes, y la canción 'Maria da vila

¹ Licencianda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, biatrysm2@gmail.com.

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, celia.medeiros@ufrn.br.



Matilde', de Elza Soares. Para ello, discutimos los conceptos de discurso (Fairclough, 2001; Maingueneau, 2015; Mussalim, 2003), de sujeto (Authier-Revuz, 1990; Mussalim, 2003), de formaciones ideológicas y discursivas (Althusser, 1996; Foucault, 1997; Maingueneau, 2015) y, además, como enfoque teórico-metodológico orientador del trabajo, las heterogeneidades mostrada y constitutiva (Authier-Revuz, 1990). Como resultados, verificamos diferentes formaciones discursivas: aquellas que convergen con los discursos de protección de la mujer y aquellas que van en contra de estos discursos, ironizándolos y negándolos.

Palabras clave: Heterogeneidad Discursiva. Dialogismo. Enseñanza Fundamental (Últimos Años). Violencia Contra La Mujer.

Introdução

Um dos compromissos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, é, para além de subsidiar a formação inicial docente, fomentar um diálogo entre universidade e escola de Educação Básica com o objetivo de inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, apresentaremos contribuições de uma atividade aplicada em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, por meio da análise discursiva dos dados obtidos. Ainda, este trabalho é parte integrante do Programa descrito, mais especificamente ligado ao Subprojeto de Língua Portuguesa do Núcleo Natal, da UFRN.

A atividade, que será descrita posteriormente, surgiu mediante a necessidade de delinear o que os alunos traziam de conhecimento prévio no que se refere ao tema da violência contra a mulher, anátema pilar para a sequência didática com foco nos estudos da argumentação. Assim sendo, o escopo temático converge para uma das prerrogativas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que tem como ênfase

a desnaturalização de qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas, incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola (Brasil, 2018, p. 61).

Dessa maneira, os professores têm como compromisso inserir em suas práticas pedagógicas intervenções que vão na contramão do exercício de discursos de ódio, os quais comprometem os direitos de todos os grupos comumente marginalizados ainda na atualidade. Assim, para que o objetivo do documento seja cumprido, um dos caminhos possíveis pelo qual nos enveredamos neste trabalho é dar um tratamento discursivo ao problema levantado, e isso significa identificar seus ecos nas falas dos alunos e intervir sobre eles.

Destacamos também a competência específica 4 de linguagens para o ensino fundamental:

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os **direitos humanos**, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 65, grifo nosso).

Além de conscientizar os alunos quanto à relevância do debate das questões de gênero, o destaque para as diferentes linguagens ao defender esses direitos convida os professores a pensarem em atividades que mobilizem diversas formas de expressão. Por isso, escolhemos a esfera midiática, materializada nas manchetes de notícia, enquanto um setor em que proliferam as ações de feminicídio.

Esse recorte de campo de produção discursiva é importante, uma vez que, conforme Odália (2004), a mídia tem o potencial educativo, no sentido de orientar nossas concepções sobre o mundo. Porém, esse mesmo espaço, assim como todos os outros, refletem e refratam as condições sócio-históricas em que ele se situa. A maior prova disso foi a culpabilização da mulher durante os anos 1980 e 1990 pelas ações de feminicídio (Pereira, 2011). Por isso, é imprescindível desenvolver habilidades nos alunos para reconhecer essa esfera e para agir criticamente sobre ela.

Ainda, no âmbito das práticas de linguagem do Ensino Fundamental (anos finais), nós, professores, devemos munir nossos alunos para identificar os discursos propagadores de violência(s), atuando sobre eles de forma autônoma, ética e responsável, dentro e fora da escola (Brasil, 2018). Nesse sentido, destacamos o exame prévio dos enunciados produzidos pelo corpo discente, que vai ao encontro do eixo da reflexão sobre as condições de produção:

Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. (Brasil, 2018, p. 72).

Ao levar em consideração que, na produção de suas manchetes de notícia, os alunos são sujeitos-autores, eles estão submetidos à análise de seus discursos, orientados segundo seus contextos sócio-históricos, os quais os atravessam em alguma medida, como veremos. Nessa direção, o exame prévio dos enunciados produzidos pelo corpo discente nos norteia quanto às intervenções adequadas, sejam referentes à argumentação, sejam referentes a outras unidades de conhecimento próprias a essa etapa de ensino.

Entendidas essas questões, o objetivo deste trabalho é analisar discursivamente as manchetes produzidas por alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, passaremos a contornar as noções de discurso que situam a prática, bem como a de sujeito, a de formações ideológicas e discursivas e, por fim, a de heterogeneidade

discursiva. Em seguida, descreveremos nosso percurso metodológico, caracterizando a pesquisa, a escola, os alunos-sujeitos e a atividade desenvolvida, e apresentaremos a análise dos dados obtidos. A partir deste estudo, esperamos contribuir com a pesquisa na prática docente, seja inicial, seja continuada, sobretudo concernente aos procedimentos metodológicos de análises discursivas de enunciados no ensino básico.

Gênero e violência no discurso midiático: algumas considerações

Uma vez que nosso trabalho se apropria do campo midiático, mais especificamente do que ele propaga de notícias sobre gênero e violência, cabe-nos fazer uma breve descrição sobre esses três aspectos e como eles são orientados na proposta analítica.

Na perspectiva antropológica de Lauretis (1994), à luz de Foucault, o gênero não é estabelecido enquanto *a priori* aos corpos, mas se configura como efeitos produzidos neles, assim como em comportamentos e relações sociais. Essa definição nos orienta, por exemplo, para pensar em quem (ou melhor, quais instituições) opera efeitos nos corpos definindo questões da ordem do ser e do dever ser. Assim, vemos fortemente a perspectiva de controle, de um conjunto de normas que regulam a noção de gênero.

Nosso trabalho, ao utilizar as manchetes de notícias, aponta para um desses dispositivos, que é a mídia. Nas palavras de Coulumb-Gully (2014, p. 149, grifos nossos), “[...] as mídias participam diretamente da imposição das normas que estruturam o Gênero, atuando, assim, senão como um reflexo. O discurso desses espelhos, que são as mídias, é, na realidade, tanto prescritivo quanto descritivo”. Chamamos atenção para o caráter de prescrição do universo midiático, uma vez que ele reforça papéis de gênero atribuídos historicamente. No texto de Coulumb-Gully, a autora exemplifica a predominância de corpos femininos magros como recorrentes em revistas, o que se torna um modelo a ser seguido pelas leitoras.

No caso de papéis do feminino no ambiente doméstico, também não é difícil imaginar por quanto tempo a mídia direcionou os anúncios publicitários de limpeza para as “donas de casa”, ou dicas de como seduzir o marido e servi-lo obedientemente. Todas essas estereotipias, se não aparecem como críticas nesses veículos midiáticos, diluem-se em uma tal “objetividade” e, portanto, a um senso de realidade articulada à imprensa jornalística: “descritivas e prescritivas, as mídias funcionam um tanto quanto as ‘tecnologias de gênero’, levando as mulheres, mas também os homens, a se conformarem com o espelho que lhe(s) é dado” (Coulumb-Gully, 2014, p. 152).

Ainda, no recorte de autoras que fizemos na contramão do discurso midiático, e aqui toma-se a literatura e seu caráter emancipador desses espelhos, há de se pensar a relação entre gênero, raça e violência. Considerando o aspecto histórico latino-

americano, a teórica Lélia Gonzalez chama atenção de que “falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas” (Gonzalez, 2020, p. 129).

Uma das especificidades apontadas por Gonzalez, no que diz respeito ao feminismo, pode ser vista na relação histórica da mulher negra e o espaço doméstico. A hostilidade deste último repercute, por exemplo, sobre as empregadas domésticas, ofício que muito remonta ao período de colonização brasileiro e sendo uma prática ainda não abandonada na contemporaneidade. No conto e na canção tematizados na proposta didática, o ambiente doméstico, ainda que não seja explicitamente definido numa ótica empregatícia, remontam metonimicamente a uma noção de hierarquização e de subalternidade da mulher negra a homens que se veem como possuidores de tais corpos.

Outra questão, para finalizar a nossa discussão, é que a violência do homem sobre a mulher negra também deve ser lida pela ótica da sexualização. Para bell hooks (2019, p. 156), “o sexismo aumenta, justifica e apoia a violência do homem contra a mulher”. Historicamente, na diáspora, o estupro recorrente foi (e é) um mecanismo de imposição e controle para que os homens brancos dominassem os corpos femininos negros. Assim, as práticas de violência sexual e física também devem ser lidas nos textos escolhidos a partir dessas fontes históricas e culturais, constituidoras de seus processos de sentido.

Discurso(s) em análise: conceitos norteadores

Uma vez que a nossa ação permeia as expressões de violência contra a mulher, recorreremos a uma abordagem interdisciplinar que se insira no intermédio entre o lugar em que esses textos foram produzidos (seus interlocutores e seu momento histórico, por exemplo) e a sua materialidade. Nesse viés, o domínio teórico-metodológico que orienta o trabalho é a Análise do Discurso (AD). Na perspectiva de Mussalim (2003, p. 110), “a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo da organização dos modos de produção social”. Tal definição implica, pois, relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que o tornaram possíveis, isto é, suas condições de produção (Maingueneau, 2015). Em outras palavras, falamos de uma concepção que entende o discurso como uma prática social, (re)produtora de ideologias.

Sendo assim, para que se visualize de forma dinâmica as partes da análise do discurso, apropriamo-nos do diagrama de Fairclough (2001), presente no livro *Discurso e mudança social*, conforme ilustra a Figura 1, que segue:

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso.



Fonte: adaptado de Fairclough (2001).

Para o teórico, no nível mais interior, o texto, organiza-se os itens vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, ou seja, os aspectos sobretudo linguísticos, mas que não unívocos nesta dimensão: a materialidade. No próximo nível, o da prática discursiva, estão organizados os processos de produção, distribuição e consumo textual, em que a natureza de tais processos depende dos tipos de discursos de acordo com fatores sociais. Já na dimensão globalizante, o da prática social, são feitas considerações acerca da noção de ideologia, que será discutida na próxima seção, e da hegemonia enquanto poder, estruturantes das práticas discursivas e do texto. Ainda, a figura nos ajuda a perceber a interdependência de seus níveis, em que cada tópico estabelece uma troca com suas partes. Por isso, a noção de texto se torna ampla, estende-se, e seu sentido se situa para além da materialidade textual.

Em um constructo teórico cuja ideologia é estruturante, cabe refletir quem são os sujeitos (re)produtores dos discursos. Há uma longa seara desse conceito na AD, e, para nosso estudo, concordamos com Mussalim (2003) e Authier-Revuz (1990). A primeira autora contribui para o entendimento da heterogeneidade, em que o outro sempre está presente na produção de um dado discurso. Isso implica que o sujeito não é uno, tampouco é a origem dos seus enunciados, que ecoam muitos outros, tal é como a ideologia os atravessa.

Já a segunda autora parte dos achados da psicanálise, sobretudo das teorias do inconsciente, definindo o sujeito nesse limbo entre consciente e inconsciente. Nas palavras de Authier-Revuz (1990, p. 28), “esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem [...]”. Ambas as concepções rompem, portanto, com o caráter ilusório da subjetividade unívoca, em que os sujeitos seriam capazes de decisões, escolhas e intenções.

Formações ideológicas e discursivas

Na definição de discurso que trouxemos de Mussalim (2003), vale retomar que a linguísta a entende como uma materialização das ideologias que organizam a(s) realidade(s) social(is). No que concerne ao nosso trabalho, que situa os discursos de violência contra a mulher, entendemo-los a partir de uma ordem estrutural que os tornam possíveis. Assim, citamos Althusser (1996), que define ideologia como não tão somente um conjunto de ideias, mas como um conjunto que abrange práticas materiais que reiteram as relações de produção.

No livro *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (Althusser, 1996), retoma-se a estrutura marxista da realidade, que é dividida em infraestrutura e superestrutura. A primeira situa a economia (e as relações para se estabelecer como tal) e a segunda, determinada pela primeira, em que se situam as instituições e a ideologia. Esta última tem uma posição retroalimentadora, ou seja, é responsável pela manutenção das relações de produção postas pela superestrutura.

Nesse sentido, Althusser acrescenta à teoria marxista a distinção de “Aparelhos Repressivos do Estado” dos “Aparelhos Ideológicos do Estado” (AIE), em que este último opera predominantemente na retroalimentação descrita acima. Têm como função, pois, preservar as ideologias da classe dominante - detentora do poder - e são exemplos: a escola, a imprensa, o sistema político, jurídico etc. Somando essa perspectiva sociológica às noções de sujeito discutidas na seção anterior, é nítido que tais ideologias estão incutidas em todos os enunciados, seja retomando-as, seja refutando-as, mas sempre integrando-as nos posicionamentos de um interlocutor. Por isso, ao pensarmos na violência contra a mulher, o sujeito-aluno dialogará com determinados valores políticos e ideológicos, marcados linguisticamente ou não.

Entendida a concepção de ideologia e seus atravessamentos, é importante a relacionarmos intrinsecamente à formação discursiva (FD). Conforme sintetizou o analista do discurso Maingueneau (2015, p. 81), “a formação discursiva é concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas [os gêneros]”. Essa concepção, atribuída a Foucault, permite-nos reunir discursos de mesmos traços ideológicos, com vistas a “[...] explicar certo número de fenômenos” (Maingueneau, 2015, p. 82). Entender os enunciados por essa perspectiva dos traços ideológicos rompe com a sua divisão por gêneros discursivos, permitindo-nos, assim, observar maiores relações entre os discursos e constituir *corpora* heterogêneos, que representam uma realidade heterogênea. A exemplo, para a execução do nosso trabalho, utilizamos conto, canção e manchete de notícia, em que os primeiros dois, muito embora sejam de gêneros discursivos diferentes, compartilham traços ideológicos, por serem a favor da proteção da vida da mulher e, portanto, pertencem a uma mesma FD.

Por isso, sendo a formação discursiva um conjunto de enunciados de mesma regularidade (Foucault, 1997), podemos dizer que eles configuram uma forma de conceber o interdiscurso. Sobre esse conceito, Maingueneau (2015) o define enquanto um universo em que se pode estabelecer a relação de um enunciado com múltiplos outros, ancorando-se e se apoiando sobre eles. No material aqui apresentado, visamos apreender essas relações por meio do aporte da heterogeneidade discursiva.

Heterogeneidade discursiva: aspectos teórico-práticos

No bojo do dialogismo bakhtiniano e da relação entre ser humano e linguagem concebida pela psicanálise lacaniana, Authier-Revuz (1990) contribui para os estudos da AD ao fundar a concepção das heterogeneidades constitutiva e mostrada, duas ordens de realidade diferentes. A primeira designa “[...] os processos reais de constituição dum discurso” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). No sentido da constituição, o dialogismo agrega com os ecos e o interdiscurso, que pressupõe um sujeito sempre atravessado por aquilo que a autora nomeia de “palavras dos outros”. Daí, soma-se também o já comentado estudo do inconsciente, que “sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas” (Authier-Revuz, 1990, p. 28). Por isso, essa heterogeneidade é opaca, não transparece, pois, à superfície do texto, necessitando de uma análise minuciosa do enunciado.

A segunda perspectiva, a heterogeneidade mostrada, converge “[...] os processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Aqui, englobam-se as marcas da superfície linguística, a exemplo do discurso direto (citação direta) e mesmo indireta do outro no discurso. Essa heterogeneidade se configura de muitas formas, um tanto mais explícita que a constitutiva. De modo geral, há formas marcadas que acusam a presença do outro em um discurso, para além do discurso direto e indireto, como as aspas, itálico, pressuposição e pré-construtos. No caso da nossa atividade, por ser uma proposta de retextualização, essa retomada do discurso do outro nos discursos dos alunos foi feita mobilizando suas próprias palavras.

Compreendidos os traços teóricos que orientam o escopo deste trabalho, passaremos aos percursos metodológicos que caracterizam a pesquisa, a escola, os sujeitos-alunos e a atividade desenvolvida.

Percursos metodológicos

No que se refere à natureza da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, uma vez que ela “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2007, p. 24). Por meio desse conjunto de fenômenos sociais, impressos na materialidade discursiva, que são os textos dos alunos, podemos interpretar a realidade. Nesse sentido, adotamos a técnica

construtivista, uma vez que ela apreende “[...] significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria e padrão” (Creswell, 2010, p. 35). No caso dos dados coletados, agrupamos tendências discursivas, ou seja, padrões observados no conjunto dos discursos selecionados.

Quanto à escola que nos recebe para desempenhar nossas atividades do Programa, é a Escola Estadual Doutor Manoel Villaça, gerida pela rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Norte. Localiza-se no bairro Lagoa Nova, em uma avenida central da capital do estado. A instituição oferece a etapa do Ensino Fundamental (anos finais), nos turnos matutino e vespertino. Devido à localização acessível, o público atendido pertence principalmente aos bairros circundantes e periféricos; e a escola fornece transporte gratuito para o deslocamento de seus estudantes, que, em sua maior parte, tem baixa renda *per capita*.

No que diz respeito aos sujeitos cujos enunciados serão analisados, eles são parte da turma de 9º ano da referida instituição. Eles têm, em média, entre 13 a 16 anos. Em termos quantitativos, e que se apresentaram nas análises, há uma variação de indivíduos considerados ou do gênero masculino ou do feminino no grupo. Porém, no cotidiano das ações do PIBID, presenciamos uma força de expressões machistas, predominantemente dos alunos, sobre as alunas da turma e direcionados às mulheres no geral. Foi diante desse cenário que sentimos a necessidade de orientar nossas práticas à temática iminente da violência contra mulher, a fim de compreender os ecos dos enunciados, desnaturalizar os discursos opressores por meio da formação crítica dos alunos que foram confrontados com suas produções.

Os dados da pesquisa são frutos da primeira parte de uma sequência didática sobre argumentação. Ela se dividiu em três encontros: dois de 50 minutos e, o último, com 100 minutos. Passaremos a descrever a primeira etapa, em que se situam os referidos materiais obtidos.

Na primeira aula, realizada em 21 de agosto de 2023, fizemos uma leitura dinâmica do conto “Gesso”, presente na coletânea *Redemoinho em dia quente*, da autora cearense Jarid Arraes (2019). Incluímos a turma enquanto personagens da história, o que os fez vivenciarem a narrativa de modo mais imersivo. Ao fim da aula, solicitamos aos alunos um resumo escrito sobre a história, já que precisaríamos desse recurso para a atividade realizada no próximo encontro. Já na segunda aula, realizada em 6 de setembro de 2023, ouvimos a canção “Maria da Vila Matilde”, da artista Elza Soares (2015). Lemos e releemos a letra com a turma, buscando a intersecção temática dos textos literários. Ainda nessa aula, propomos a atividade de retextualização, que os alunos selecionaram um dos materiais para transformá-los em manchete de notícia.

Antes de descrever com maior aprofundamento a proposta, vale comentar sobre a seleção do *corpus* para nortear o processo de retextualização, a passagem de um texto-base para um novo texto (cf. Marcuschi, 2010). Escolhemos os discursos de Jarid Arraes e de Elza Soares porque, como já mencionado no artigo, eles participam de uma formação discursiva de proteção à vida da mulher. Ambos trazem em sua constituição a figura feminina emancipada, a qual toma medidas em prol de sua sobrevivência e dos seus direitos.

Quanto à atividade, criamos uma situação hipotética, em que os estudantes deveriam se imaginar jornalistas, uma figura discursiva ligada ao processo de produção de manchetes, mas não tão somente ela, e que deveriam escrever para o seu respectivo portal os casos visualizados na canção ou no conto. Distribuímos-os em duplas, mas eles aderiram tanto ao solicitado que vários alunos decidiram realizarem-na sozinhos. Já no que diz respeito à orientação, intervimos minimamente no processo de escrita para não interferir nos resultados.

Ao fim da aula, coletamos 10 produções realizadas. Para a investigação de forma aprofundada, selecionamos 4 produções textuais. De modo a preservar as identidades dos enunciadores, substituímos seus nomes pelas letras A, B, C e D relacionadas, respectivamente, às manchetes 1, 2, 3 e 4.

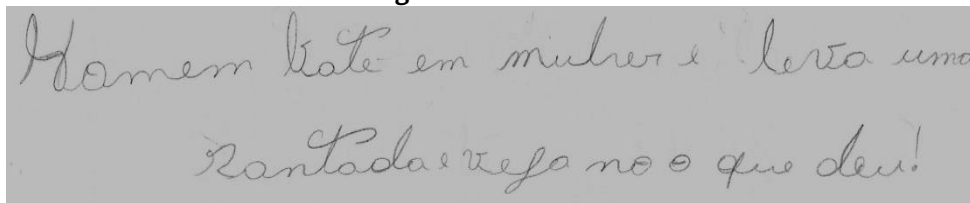
Discussão

Antes de partirmos para a análise, cabe mencionar algumas questões. Uma delas está na particularidade dos processos de retextualização. Para a criação das manchetes, os alunos mobilizaram mecanismos cognitivos, linguísticos, textuais e discursivos, a fim de trazer o texto-base em seu novo texto. Por consequência, a heterogeneidade marcada está imbricada na dinâmica entre esses fatores: a generalização ou apagamento de determinados momentos da música ou do conto, o léxico escolhido ou modificado para fazer menção ao primeiro texto, a alteração do conteúdo textual etc. Muitas são as formas de representar o primeiro discurso e agir sobre ele.

A segunda questão é fruto da primeira, à medida em que os alunos já tiveram contato, ao longo de suas vidas, com o gênero discursivo manchete. Isso significa que os traços estruturantes e discursivos, como distanciamento do enunciador, caracterizado pela terceira pessoa do discurso, e a natureza objetiva da linguagem aparecem em algum nível nos seus enunciados, o que significa que são pontos compartilhados (in)conscientemente pelos sujeitos-autores. Por ser um gênero breve, a seleção do que é posto em centralidade é crucial para entendermos as formações discursivas, ideológicas e as heterogeneidades presentes.

Dito isso, seguiremos para a primeira manchete, conforme Figura 2:

Figura 2: Manchete 1.



Fonte: acervo das autoras.

Transcrição da manchete 1: “Homem bate em mulher e leva uma santada e veja no que deu!”.

O aluno A, para a criação de sua manchete, escolheu o conto de Jarid Arraes, uma vez que traz o dado de “levar uma santada”, enunciado que se aproxima do final do material original. Para a incorporação da narrativa, marcando a heterogeneidade, o enunciador mobiliza a generalização, a qual implica apagamentos e destaques como estratégias para chamar os leitores.

Assim, para compreender os mecanismos da heterogeneidade mostrada e constitutiva, podemos dividir o enunciado em três partes:

- (1) Homem bate em mulher.
- (2) Leva uma santada.
- (3) Veja no que deu.

Em (1), a primeira ação em evidência traz duas figuras: uma agente, que é o *homem*, e outra paciente, que é a *mulher*. Nesse primeiro trecho, o apagamento das identidades, muito embora os alunos conhecessem seus nomes, demonstra uma convergência com uma característica do gênero discursivo manchete: diluir as situações no bojo do cotidiano, isto é, colocar as atitudes como naturalizadas no dia a dia, universalizadas. Ainda, a escolha do verbo “bater”, associada à figura masculina, implica certa neutralidade e até comicidade se a compararmos com outras manchetes e com o próprio final do texto a ser comentado.

Em (2), a ação de “levar” parece ambígua, à primeira vista. Mas, se lermos o conto, entenderemos que o paciente é o *homem*. Assim, o agente *mulher* é eclipsado, sua atitude de legítima defesa é atenuada em prol da centralidade das ações feitas e sofridas pela entidade masculina. O objeto direto “uma santada”, o qual contém um neologismo criado pelos estudantes quando líamos a história, potencializa ainda mais o teor “cômico” da situação, que se eclode na próxima oração: “veja no que deu!”.

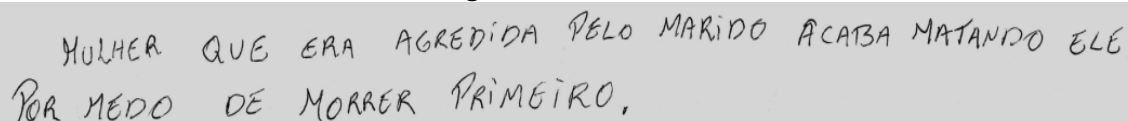
Em (3), a última escolha enunciativa, se pensarmos no interdiscurso, muito se aproxima dos discursos sensacionalistas da esfera midiática. Aqui, o enunciado se afasta do texto-base, o conto, para mergulhar em uma formação discursiva cujo compromisso informacional entre o sujeito-autor e a mensagem veiculada é posta de modo trivial. Dessa maneira, o enunciador alça o conteúdo de sua manchete ao ponto mais alto da comicidade e, mais especificamente, da violência enquanto humor em detrimento da

faceta do conto que traz como ênfase o sofrimento da mulher frente a tais situações de constrangimento.

Dada a análise das partes do enunciado, vemos que a primeira manchete dialoga com o texto de Jarid Arraes para ironizá-lo e, ainda, negá-lo, ao que atribui uma comicidade a cadeia de eventos, além de colocar como ênfase a figura masculina. Uma das características da constituição discursiva é, portanto, o viés sensacionalista-midiático, que exagera situações, independente do compromisso com a mensagem, em prol de maximizar a quantidade de leitores. Nega-se, mais uma vez, vivências de sofrimento, cerne do conto de Arraes. Desse modo, podemos concluir que a primeira manchete participa de uma formação discursiva que ironiza situações de violência contra a mulher e que, por sua vez, está imbricada numa formação ideológica dos aparelhos midiáticos.

Vamos à manchete 2, conforme ilustra a Figura 3:

Figura 3: Manchete 2.



MULHER QUE ERA AGREDIDA PELO MARIDO ACABA MATANDO ELE
POR MEDO DE MORRER PRIMEIRO.

Fonte: acervo das autoras.

Transcrição: “Mulher que era agredida pelo marido acaba matando ele por medo de morrer primeiro.”

O aluno B, para a construção de sua manchete, também escolheu o conto de Arraes, uma vez que há a morte da figura masculina - acontecida também no material original. Semelhantemente ao realizado pelo aluno A, esse enunciador se aproxima do universo das manchetes por generalizar as identidades da mulher e do homem, diluindo a situação no bojo do cotidiano. Porém, diferentemente da manchete 1, percebemos algumas escolhas enunciativas em diálogo com o conto. Como o enunciado é marcado por subordinação, não iremos fragmentá-lo.

Em primeiro plano, vemos que a *mulher* é destaque na manchete, ou seja, sua ação tem voz. Ainda, o enunciador a caracteriza, como vemos na subordinação adjetiva: “que era agredida pelo marido”. Essa estrutura converge com a condição de Doralice, protagonista e narradora do conto de Jarid Arraes. Trazer o léxico “marido” é uma escolha que cria uma relação entre as duas pessoas envolvidas no quadro - também compartilhado pelo conto -, porém, também localiza o discurso em um universo maior. Esse universo é aquele que situa as ações de violência contra a mulher no âmbito da esfera familiar, em que os agressores compartilham de algum grau de familiaridade ou proximidade com a vítima.

Ainda, a forma nominal “agredida” também converge com o conteúdo do conto à medida que entende a atitude violenta do homem como agressão.

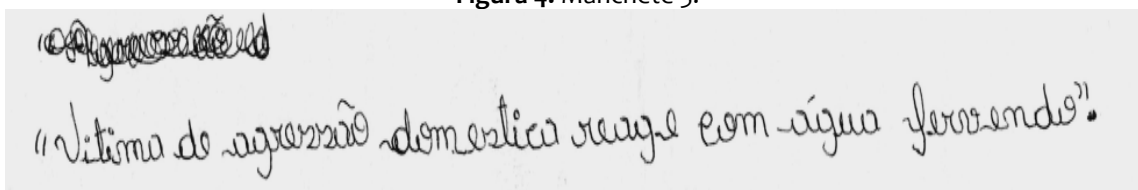
No caso dos dois artefatos artísticos, a presença masculina agressora, que marca em si e na(s) outra(s) as relações de controle sobre o corpo feminino, demonstra essa atitude como constituinte dos regimes de masculinidade, ou seja, daquilo que se regulariza como “comportamento masculino”. Nas palavras de Coulumb-Gully (2014, p. 153): “[...] os regimes de masculinidade - da mesma forma que os marcadores de feminilidade - variam não só conforme as épocas e os lugares, mas também segundo os meios sociais”. Assim, as representações masculinas nos textos literários, e também apreendidos pelo sujeito-enunciador, demonstram um cenário ainda patriarcal, em que a força do homem sobre a mulher está no poder absoluto do primeiro.

Em segundo plano, posta essa descrição da mulher, o enunciador aponta, de fato, a atitude feminina: “mulher [...] acaba matando ele”. O marcador discursivo “acaba” tanto cria uma ênfase como justifica a ação enquanto última via de sobrevivência. Essa escolha é potencializada pelo arremate do enunciado “por medo de morrer primeiro”. Assim, muito embora tal perspectiva seja uma inferência do conto, esse último trecho dialoga com a vivência de Doralice assim como dialoga com a vivência de muitas mulheres reais, do mundo afora. O que é destacado nesse adjunto adverbial é a preservação da própria existência como força de escape à violência enfrentada. O que fica, ao final da manchete, é a vida da figura feminina.

Ao retomar o sofrimento psicológico da personagem, marcado no discurso do aluno B, sua manchete dialoga com o conto à medida que o incorpora para afirmá-lo e o justificar. Por essa razão, aproxima-se da mesma formação discursiva do *corpus* literário trazido para leitura em sala.

Vamos à manchete 3, como segue na Figura 4:

Figura 4: Manchete 3.



Fonte: acervo das autoras.

Transcrição: “Vítima de agressão doméstica reage com água fervendo”.

O aluno C incorpora em sua manchete a canção de Elza Soares. De modo semelhante aos outros dois enunciadores, faz a estratégia de generalização, que coloca como escopo o evento da violência. Porém, diferentemente dos outros textos, C muda a condição de *mulher* para “vítima de agressão doméstica”. Essa escolha conversa com a canção porque entende a protagonista da música como *vítima*, ou seja, alguém que sofre lesão de um crime. Ainda, também consente com o ideal “agressão doméstica” discutida no conto. Esse dado tanto aponta a ação do homem enquanto agressão como também realiza algo não visualizado explicitamente nas manchetes anteriores.

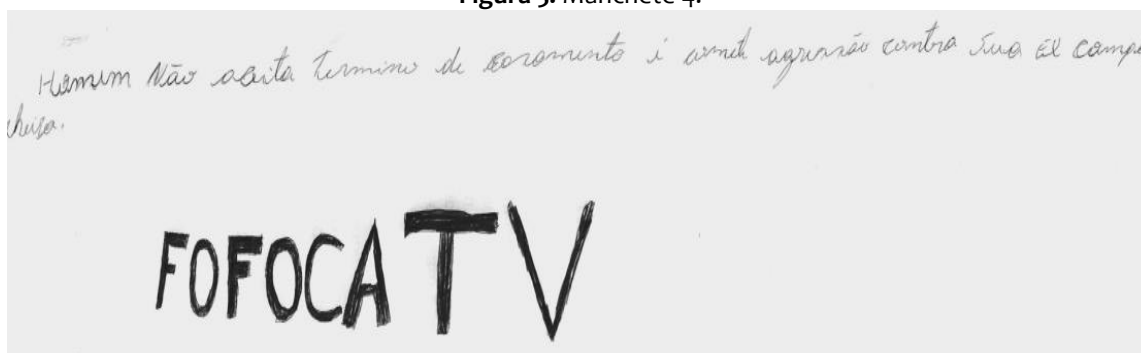
A noção de uma agressão *doméstica* indica um espaço físico do ambiente familiar, da casa e da proximidade afetiva entre seus constituintes. Muito embora já tenhamos visualizado esse movimento na manchete do aluno B, pela expressão “marido”, a escolha de *doméstica* aponta diretamente para uma relação entre um casal em uma esfera familiar. Tal léxico não está na letra da canção, o que implica uma heterogeneidade constitutiva em que o sujeito-autor é atravessado por discursos que não só nomeiam esse tipo de violência como convencionam que ela se configura como tal.

Em seguida, à vítima de violência é agregada a ação de “reagir com água fervendo”. É curioso observar a escolha de “reagir”, um verbo que implica uma atitude pressuposta. Na nossa abordagem de discursividades, entendendo que esse enunciador se aproxima da linha discursiva da canção, que caracteriza o sofrimento do eu lírico, a pressuposição converge com condutas violentas do agressor em relação à mulher. A reação vai, pois, no sentido da sobrevivência e da preservação da existência feminina, como vimos no caso da manchete 2. Ainda, o instrumento da ação, “água fervendo”, mais uma vez converge para o texto-base, espelhando fielmente a atitude da mulher enquanto legítima defesa.

No caso dessa manchete, há um fenômeno não observado nas anteriores. A reação de jogar a água fervente não atinge nenhum paciente, o qual é apagado da mensagem veiculada, não assumindo qualquer voz. Nesse sentido, podemos traçar um comparativo com a manchete 1, cujo movimento é apagar a mulher como agente para dar ênfase à cadeia de eventos associados à figura masculina. Aqui, a proposta é contrária: apaga-se totalmente o *homem*, que nem como paciente surge na mensagem passada. Essa diferenciação é mais um apontamento para localizar os discursos em margens opostas, em que o do aluno C se filia a uma formação discursiva de preservação à vida da mulher e afirma, portanto, o discurso do *corpus* literário selecionado.

Vamos à quarta e última manchete, descrita na Figura 5:

Figura 5: Manchete 4.



Fonte: acervo das autoras.

Transcrição: “Homem não aceita termino de casamento e comete agressão contra sua ex companheira”.

O aluno D escolhe para o corpo de sua manchete o texto de Elza Soares. Contudo, seu discurso é marcado pelos processos de inferência e suposição da canção. Para visualizar melhor essas questões, podemos segmentar seus enunciados em três partes:

- (1) Homem não aceita término de casamento.
- (2) Comete agressão contra sua ex-companheira.
- (3) FOFOCA TV.

Para comentarmos (1), precisamos voltar à letra original. Nela, não é posto que a violência cometida pelo homem tenha como “motivo” o término de uma relação matrimonial. Trazer esse primeiro dado para a manchete implica dois pontos: (a) a centralidade na voz masculina - como observamos na manchete 1 - e (b) a criação de uma justificativa para a ação do agressor. Essa segunda questão, se pensarmos na teia discursiva, ecoa discursos de legitimação comumente associados aos processos de violência contra a mulher. Nesse caso, a figura do *homem* é revestida de um manto “senhorial”, que possui o corpo da mulher e a pune por tentar sair de suas amarras, a relação matrimonial. Se irmos mais longe, em termos históricos, é a mesma formação discursiva patriarcalista, ainda estruturante na contemporaneidade.

Em (2), temos a ação efetiva do enunciado. O sujeito-autor escolhe por entender a atitude do *homem* enquanto agressão, comungando com o discurso de Soares e dos enunciadores das manchetes 2 e 3. Assim, se voltarmos para a primeira parte do enunciado e compararmos com esta segunda, veremos um confronto entre duas linhas discursivas, que é arrebatada por esta última. Isso significa, por uma via, a *ironização* do discurso primeiro, o qual vai ao encontro da justificativa comumente criada frente a tais situações. Ainda, trazer a imagem de *ex-companheira*, que também é um dado inferencial da canção, acarreta na perseguição sofrida pela mulher frente às amarras da relação conjugal.

Já (3) é um elemento paratextual. Ele se situa logo abaixo do texto, como uma espécie de logotipo da marca responsável pelo enunciado. A escolha do nome FOFOCATV mostra a ambiguidade das escolhas enunciativas, implicando um sujeito-autor difuso e clivado por várias formações discursivas. Assim, muito embora o enunciador assuma, em alguns momentos, a agressão sofrida pela figura feminina, o título do veículo midiático se aproxima da mesma situação de “veja no que deu!”, na manchete 1, a qual direciona o discurso de violência para um tom cômico de viés sensacionalista.

Por essas razões, a manchete 4 é atravessada por múltiplos discursos, não sendo possível arrematá-lo diretamente para um lado ou outro. Na mesma medida em que afirma o *corpus* literário, também o ironiza, o que faz direcioná-lo, da mesma forma, para a negação do mesmo discurso de violência contra a mulher. Desse modo, o aluno D participa de uma formação discursiva semelhante à de A, muito embora não se constitua

da mesma maneira. Essa ambiguidade é comum, uma vez que as fronteiras das formações discursivas são complexas, conforme vimos anteriormente.

Considerações Finais

A amostragem selecionada para a análise reflete algumas categorias observadas na constituição desses textos, mas nem sempre determinadoras, como vimos no caso da manchete 4. Há discursos que têm por ênfase a ação da mulher enquanto legítima defesa e que buscam justificar sua atitude emancipatória, no mesmo sentido da mensagem do conto e da canção, como é o caso das manchetes 2 e 3, e, em certa medida, também o caso de 4. Mas há discursos que vão na contramão do primeiro, ou seja, centralizam a imagem do homem ou ironizam a situação sofrida pela mulher em algum nível, como é o caso das manchetes 1 e 4.

Ainda, outra questão que merece uma análise futura aprofundada emerge da esfera midiática, mais específica de cunho sensacionalista. Vimos, em dois casos - 1 e 4 -, como os sujeitos-autores são atravessados por imaginários de veículos que, antes de qualquer compromisso informacional, traz consigo a intenção do impacto, de atingir uma massa leitora sem pretensões com direitos humanos. Por essa razão, há um esvaziamento das temáticas graves e, desse modo, esfacela-se os corpos femininos agredidos mais uma vez.

A importância da abordagem da heterogeneidade discursiva enquanto ferramenta metodológica está justamente na possibilidade de identificar a presença de formações discursivas e ideológicas na produção material dos alunos. Em nossa análise, contornamos os discursos, identificamos ecos do patriarcalismo e de correntes contemporâneas, como acabamos de mencionar, como a mídia sensacionalista. Dessa forma, localizar essas vozes torna-se um exercício diagnóstico dos nossos estudantes frente a uma temática necessária para a execução de intervenções no sentido contrário.

Ao que coletamos e refletimos sobre os dados, podemos pensar métodos de fazer o próprio sujeito-aluno identificar os discursos que continuam reverberando atitudes machistas e que vão de encontro aos direitos da mulher. No caso deste trabalho, em aulas seguintes, fizemos um levantamento lexical de outras notícias que muito se assemelham às propostas trazidas pelos alunos. Assim, eles puderam voltar a seus próprios enunciados e perceberem, autonomamente, a problemática de se tratar determinados temas com leviandade e comicidade.

Quanto às discussões de gênero, violência e mídia, o trabalho chama atenção para traçar um olhar crítico quanto ao papel prescritivo de fontes “informativas”. Conforme discutimos, o modo como se relata e tematiza a violência de gênero nesses veículos não é neutro e tampouco arbitrário. A mídia, por estar inserida em um tempo e um espaço,

reverbera, de modo a sempre serem analisados e levados em conta em atividades didático-pedagógicas, regimes de feminilidade e masculinidade. Quais são esses regimes? Como eles influenciam e atravessam os discursos das nossas alunas e alunos? Essas são questões que tentamos responder com a nossa proposta analítica.

Por fim, a execução deste trabalho demonstra a importância do artefato literário em atividades como esta. Comungamos com Araújo, Gregório e Gomes (2014, p. 61), quando dizem que “a literatura parece abrir os nossos sentidos para o mundo”. Tal afirmação implica ser capaz de ver as múltiplas facetas - os discursos - de forma crítica e sensibilizada, que só foi possível pelo contato profundo com o texto literário. Muitos dos nossos alunos, quando entraram em contato, seja com o conto, seja com a canção, imprimiram essa mesma sensibilidade no exercício de retextualização. Porém, mesmo os que não foram tocados, inicialmente, voltaram a esses textos e refletiram sobre os discursos de violência contra a mulher, fazendo outras manchetes e criando significados.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996. p. 105-142.
- ARAÚJO, Roseanne; GREGÓRIO, Paulo Henrique da Silva; GOMES, Valeska Limeira Azevedo. Literatura para além do ensino: o texto literário como formador do sujeito. In: SÁ JUNIOR, Lucrécio Araújo da; OLIVEIRA, Andrey Pereira de. (org.) **Literatura e ensino: reflexões e propostas**. Natal: EDUFRN, 2014. p. 57-67.
- ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. São Paulo: Alfaguara, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 set. 2023.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciatiava(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas, **Caderno de Estudos Lingüísticos**, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- COULUMB-GULLY, Marlène. Gênero, política e análise do discurso das mídias In: PIOVENAZI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (org.) **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 147-162.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Roco, 1994. p. 206-242.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIA da Vila Matilde. Intérprete: Elza Soares. In: A MULHER do Fim do Mundo. Intérprete: Elza Soares. São Paulo: Red Bull Station, 2015. 1 CD, faixa 3.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 101-142.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PEREIRA, Claudia Nolasco de Abreu. **Violência contra a mulher na mídia: um estudo sobre a influência da mídia nas violências cometidas as mulheres do município de Macaé/RJ**. 2011. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, 2011.

Recebido: 17.11.2023
Aprovado: 01.04.2023
Publicado: 07.05.2024